

Mulher islâmica

# UM ENIGMA POUCO ENTENDIDO MAS MUITO JULGADO NO OCIDENTE

Por Beatriz Pagamisse,  
Jacqueline Elise  
e Letícia Zivieri

“**D**ize às crentes que recatem os seus olhares e conservem os seus pudores e não mostrem os seus atributos, além dos que aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atributos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para chamarem a atenção sobre seus atributos ocultos. Ó crentes, voltai-vos todos, arrependidos, a Allah, a fim de que vos salveis!” diz a surata 24, no versículo 31 do Alcorão em relação ao uso do véu.

Encontrar uma mulher coberta por um pano, principalmente em uma cultura desacostumada com tal hábito, atrai olhares, mesmo que inconscientemente. Fazemos isso porque acreditamos que aquela mulher vive numa sociedade opressora, que não lhe dá direitos e a obriga a se esconder. É neste momento que um debate muito presente nos últimos anos se inicia: onde começa e onde termina a opressão à mulher em sua forma de se vestir. As muçulmanas são oprimidas por não exibirem seus corpos ou as ocidentais tornam-se apenas objetos sexuais ao usarem vestimenta curta diariamente? Esta discussão, que envolve o âmbito ideológico e religioso, causa alvoroço e esteve em pauta em alguns países europeus quando seus respectivos governantes tomaram decisões controversas em relação ao véu e suas variantes integrais.

Assim como as outras religiões, o islamismo depende de uma interpretação de escrituras antigas (no caso, Alcorão Sagrado). Interpretações radicais da Sharia, a lei islâmica, acabam gerando essa opressão contra a mulher e provocando casos brutais de violência. Dessa forma, esse problema não é causado pela crença islâmica em si; ele surgiu em culturas que incorporaram tradições prejudiciais às mulheres. Um exemplo disso é que mesmo em países em que o islamismo é minoria, as mulheres ainda aderem ao uso do véu e outros costumes da religião. O Diretor religioso e social do centro islâmico do Recife, Eduardo Santana, confirma: “Uma sociedade islâmica de verdade, não obriga o seu uso, nem restringe a liberdade de não usá-lo. Há várias interpretações sobre o texto [no Alcorão] que podem ser tranquilamente usadas pelas mulheres, possibilitando que o seu uso seja pleno apenas para aquelas incondicionalmente convictas de sua real condição islâmica”.

**Ocidente x Oriente** – Diversas passagens da Bíblia Sagrada destacam uma posição servil e submissa da mulher. Desde sua concepção a partir de uma costela de Adão (Gênesis: 2, 21 e 22) até sua posição na sociedade, a função dela se limita a dedicar-se ao marido e à família. Até mesmo antes do surgimento do Cristianismo, populações como

*O véu mulçumano gera uma polêmica antiga sobre os direitos da mulher de tomar decisões sobre o próprio corpo*

“**UMA SOCIEDADE ISLÂMICA DE VERDADE NÃO OBRIGA O SEU USO, NEM RESTRINGE A LIBERDADE DE NÃO USÁ-LO**”  
(EDUARDO SANTANA SOBRE O USO DO VÉU)



© Adam Dean

**A burca impede a visão lateral e dificulta a visão dos pés**



Reprodução

**Como os olhos são a única parte do corpo aparente, mulheres muçulmanas fazem o que for possível para deixá-los mais atraentes**



© Christopher Furlong/Getty Images



© Karim Sahib/AFP

**Como a obrigação de usar a burca sempre, mulheres mergulham numa praia do Iêmen com a vestimenta**

a grega, a romana e a indiana mal reconheciam pessoas do sexo feminino como seres humanos. A culpa de todos os pecados do mundo existirem caiu sobre uma mulher; não só na religião (como é o caso de Eva), mas também na mitologia grega (Pandora foi a responsável por abrir a caixa dada por Zeus quando a criou e liberou todos os males do mundo).

O Alcorão reserva uma surata (capítulo)

para as mulheres. Nela, pede que se reservem para seus familiares e cubram as partes consideradas impudicas quando em público. Mas não determina qualquer tipo de discriminação contra a mulher. Ao escolher seguir a surata, ela está apenas honrando com a religião, não aceitando uma opressão. A blogueira Andreza Hana, dona do “Meu Amor Paquistanês” e do “Muslimah Fashion”, comenta que é complicado seguir a religião quando está

cercada de tantos preconceitos, mas continua persistindo. “Eu acredito que quando seguimos uma religião com todo o coração e temos a plena certeza de que esse é o caminho certo, podemos vivê-la 100% até no fim do mundo. Eu vivo a minha fé independentemente do que as pessoas pensam ou deixam de pensar”, afirma.

Há certa confusão por parte dos ocidentais quando o assunto é o mundo islâmico. Talvez por falta de conhecimento, o fato é que julgamos toda uma cultura por conta de exemplos negativos. No Afeganistão, mesmo depois da queda do regime do Talibã, a condição da mulher ainda é uma das piores do mundo. O fundamentalismo religioso praticado e a interpretação rigorosa da Sharia são os grandes responsáveis por esse quadro. Nas ruas, a maioria ainda usa a burca (traje que cobre o corpo inteiro, inclusive o rosto) - que era vestimenta obrigatória no tempo da milícia religiosa -, raras são as meninas que freqüentam a escola, embora não seja proibida e mais da metade das afegãs se

casa antes da idade mínima permitida por lei, 16 anos. Além disso, castigos físicos nas mulheres são vistos como um dever e um direito da família. E em 2009, o presidente Hamid Karzai aprovou uma lei que obriga as mulheres xiitas, ramo de crentes do Islã, a fazer sexo com seu marido todas as vezes que ele exigir.

Na Turquia, por outro lado, é um país laico (Estado separado da Igreja) e a mulher pode escolher que religião seguir, e optando pelo islamismo, é livre para decidir se deve ou não usar o véu.

É curioso destacar que o costume de usar véu não é exclusivamente muçulmano, uma vez que há uma passagem da Bíblia dizendo: **“toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça”** (I Coríntios 11:4-10). Entretanto, é interessante observar como a sociedade ocidental não se estranha com a presença de freiras, mas é capaz de condenar com olhares e palavras uma mulher usando um hijab (forma mais simples do véu islâmico).

Andreza também passou por alguns tipos de atitudes desagradáveis por conta de seu véu. “Eu uso o hijab em público sim, foi uma decisão que tomei meses após a minha conversão”, diz. “Eu já enfrentei todo tipo de preconceito, desde pessoas gritando ‘lálálálá...’ no meio na rua, me chamando de Jade [personagem de Giovanna Antonelli na novela ‘O Clone’], de terrorista. Agora que vim morar no nordeste sinto ainda mais a ignorância das pessoas que me vêem como se eu fosse uma doida varrida por usar o hijab.” Andreza costuma compartilhar estas experiências no blog “Meu amor paquistanês”.

**O véu na Europa** – Em setembro de 2010, o senado francês aprovou o projeto que proíbe o uso da burca e do véu integral (niqab) - que cobrem o corpo inteiro - nas ruas e em locais públicos. A lei entrou em vigor no começo desse ano, com o apoio do presidente, Nicolas Sarkozy. A aprovação causou grande polêmica, não só no oriente médio, mas no mundo todo. Os defensores da lei alegam que o objetivo dela é garantir a igualdade de gênero dentro do governo secular francês. Entretanto, a oposição afirma que a lei é mais opressora do que libertadora, já que não permite a mulher a exercer sua liberdade religiosa e que pode contribuir para o crescimento da islamofobia no país.

A idéia não é recente e já passou por quase toda a União Européia. Na Inglaterra, por exemplo, não há proibições para o uso desta vestimenta, mas as escolas podem, desde 2007, ter um código de vestimenta próprio. Em 2003, a Corte Constitucional da Alemanha favoreceu uma professora que queria usar véu islâmico durante as aulas. Entretanto, os estados ainda podem criar suas próprias leis, e pelo menos quatro deles proibiram os professores de usar vestimenta muçulmana.

Em 2008, o governo dinamarquês proibiu o uso de símbolos políticos e religiosos em salas de audiências, o que incluía crucifixos, quipás judeus e turbantes. E, com a Liga Nortista Anti-Imigração da Itália, uma antiga lei aprovada em 2004 que proíbe o uso de máscaras foi trazida à tona novamente na intenção de banir a burca. Alguns prefeitos foram mais longe e proibiram o traje islâmico completo.

Em contrapartida, a Suprema Corte da Rússia revogou uma lei de 1997 que impedia o uso do véu em passaportes e documentos legais. Na Holanda, um projeto para proibir todas as formas de vestimenta que cobriam o rosto chegou ao senado, mas não passou de lá, e foi logo abandonado. O argumento utilizado foi que tal lei seria inconstitucional e violaria os direitos civis.

“Quando uma pessoa deixa seu país de origem para viver em país de cultura e fé diferentes, esta pessoa deve se adaptar e acatar as novas leis ou voltar ao seu país de origem novamente”, comenta Andreza. Para alguns praticantes da religião, a melhor alternativa é que as moças suspendam a burca a fim de não ter problemas com as autoridades dos outros países. Porém, para várias mulheres que vivem em tais condições, a solução é vista como injusta, pois elas usam por costume e opção e as leis criadas para impedir o uso da vestimenta restringem a liberdade individual de cada uma delas. Uma das muçulmanas que foi multada pelo uso do niqab em público na França declarou à imprensa que não abandonará o véu integral. “Não tenho intenção de deixar de usar a burca. Pagarei a multa todas as vezes que for necessário”, afirma. “Eu não irei embora, este é o meu país. Sairei menos de casa, duas ou três vezes por semana, quando não me restar outro remédio. O resto do tempo me dedicarei a estudar

## Tipos de véu

O véu não é um acessório exclusivo do islamismo. Entretanto, é a religião que possui mais variedades para seu uso. Eduardo Santana explica que isso ocorre porque “as influências geoculturais possibilitaram o aparecimento de várias modalidades de vestimentas”.

O véu islâmico não possui uma definição específica ou termos de uso delimitados, mas alguns muçulmanos o tratam como uma peça de roupa que protege a mulher de olhares por outros além de seu marido, uma forma respeitosa à família e que a afasta do assédio. Alguns religiosos menos radicais afirmam que não é obrigatório, e que fica a critério da própria mulher se será utilizado.

Conheça os principais véus usados pelos muçulmanos:

**Hijab** – Esse é o tipo mais comum que existe na religião, usado em praticamente todo o mundo muçulmano, e com grande concentração no ocidente. Tem origem na palavra árabe “hajaba”, que significa esconder, se ocultar dos olhares, estabelecer distância. Mesmo com esse significado, ao usá-lo esconde-se somente o cabelo e o colo, deixando o rosto descoberto.

Atualmente, o hijab é obrigatório na Arábia Saudita e



**Chador** – Do persa “chaddar” (cobrir), é tradicional no Irã, sendo raramente visto fora do oriente médio. É o tipo de véu que cobre da cabeça aos pés, aberto apenas no



rosto. Geralmente é feito de um pano simples, preto, sem abertura para as mãos, sem fecho (as mulheres

**Niqab** – Um tipo de “véu integral”, cobre o corpo inteiro, deixando apenas uma fenda para os olhos. O niqab é um equivalente árabe da burca e se disseminou por influência wahabita. O nome vem da palavra “naqaba”, “esburacar”, o que representa o corte do tecido, localizado apenas na parte frontal.



**Burca** – Esse véu é o mais polêmico de todos. Obrigatório no Afeganistão pelo regime talibã, ele cobre a mulher inteiramente, com uma rede no lugar dos olhos. A burca é o traje tradicional das tribos pashtuns, e quase nunca vista fora do Afeganistão. Assim como niqab, em setembro de 2010, o uso da burca nas ruas e em locais públicos foi proibido na França. A lei ainda prevê multa de 150 euros para quem descumprir a determinação.

